



# PASQUIM FEMINISTA

INFORMATIVO LIBERTÁRIO ROSA GOMES

**NESTA  
EDIÇÃO**

RESPEITO, RESISTÊNCIA E LIBERDADE RELIGIOSA . EWÁ – A ORIXÁ INSPIRADORA DAS POSSIBILIDADES . PROJETO TERRITÓRIOS SAGRADOS  
FILOSOFIAS AFRO-BRASILEIRAS, POR QUE NÃO? . ANA . ACADEMIA ENCANTADA . RESISTÊNCIA

## RESPEITO, RESISTÊNCIA E LIBERDADE RELIGIOSA

Por: Maria Meire Carvalho

O dia 21 de Janeiro é considerado o "Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa", data relevante para refletir sobre o incômodo que o soar dos atabaques provoca na sociedade, dia para ampliar as vozes da resistência em um país que tanto discrimina e demoniza as religiões de matriz africana. O respeito é primordial, a intolerância religiosa no Brasil é crime e o direito de escolha religiosa é parte dos direitos fundamentais previstos na Constituição Federal.

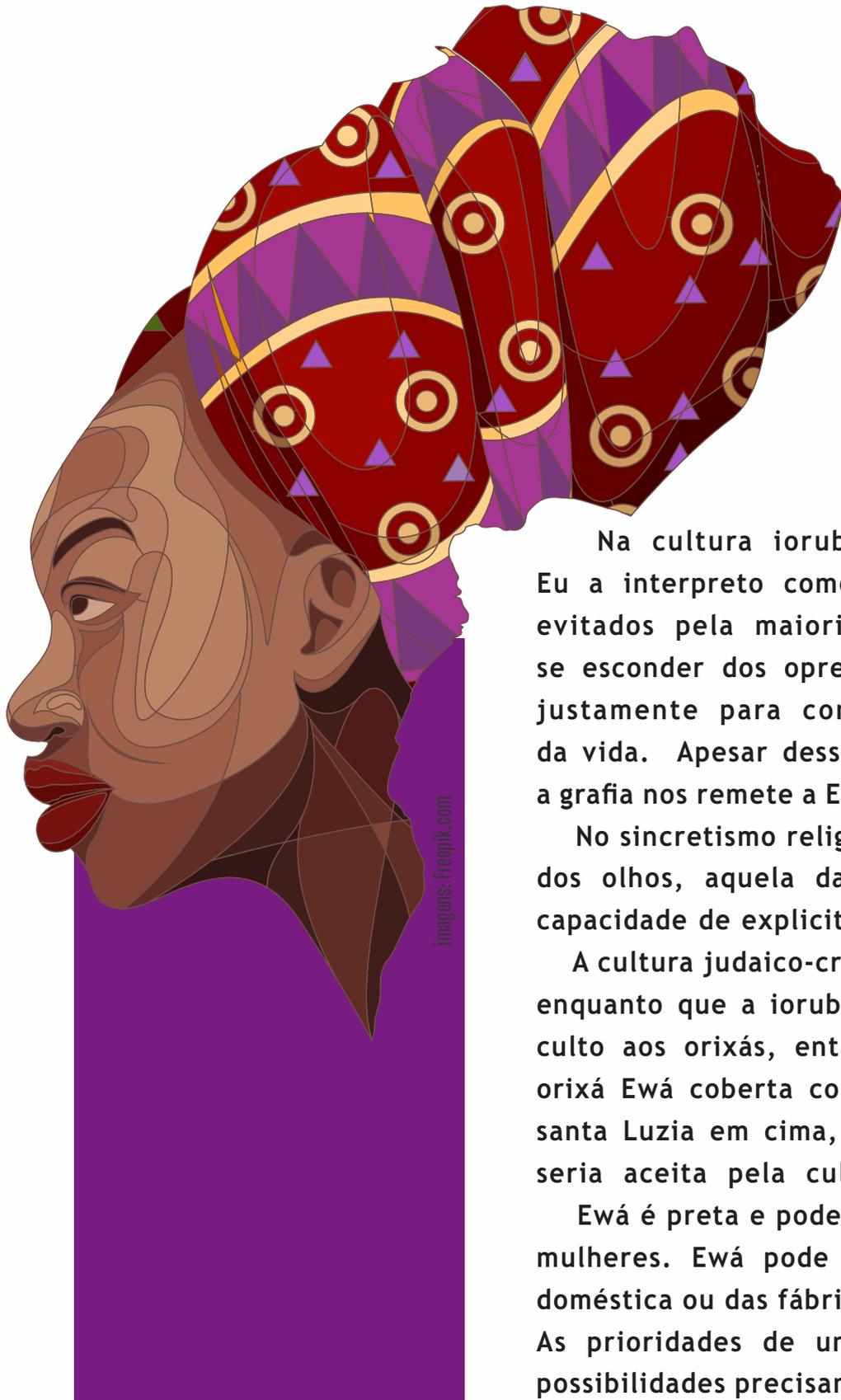
Assegurar a liberdade religiosa é garantir um futuro com mais pluralidade, é exercer a liberdade para dar visibilidade à ancestralidade, aos Orixás e guias. Esse respeito também se estende aos cumprimentos dos preceitos, ou seja, sem discriminação ao uso das roupas brancas e indumentárias religiosas - contas de missangas, pano da costa, ojas e outros adornos sem sofrer ameaças, xingamentos e olhares atravessados. É poder deixar os sussurros e falar



imagens: Freepik.com

**continua** 

livremente sobre as oferendas, os ebós, os banhos de ervas, o bori, a feitura, as comidas para os Orixás, os jogos de búzios, os batuques, as danças e as cerimônias de um labé que antecedem um ritual de candomblé. Então, esse é um dia para lembrar também que a Lei n. 11.635/2007 é uma homenagem à Mãe Gilda do Ilê Axé Abassa di Ogun - Itapuã /BA que morreu de infarto fulminante, no ano de 2000, após sofrer agressões físicas e verbais. Mãe Gilda se tornou um símbolo de luta das religiões de matriz africana. Que todo dia seja dia de resistência!



# EWÁ – A ORIXÁ INSPIRADORA DAS POSSIBILIDADES

Por: Ana Gabriela Colantoni

Na cultura iorubá, Ewá é a orixá das múltiplas possibilidades. Eu a interpreto como a resiliente, capaz de ir a lugares geralmente evitados pela maioria (tais como o cemitério), principalmente para se esconder dos opressores. Nos itans, ela enfrenta o tema da morte, justamente para compreender com mais profundidade as questões da vida. Apesar desse “w” de seu nome ter som de “u” e não de “v”, a grafia nos remete a Eva, o arquétipo de mulher nos mitos judaico-cristãos.

No sincretismo religioso brasileiro, Ewá é Santa Luzia, a santa protetora dos olhos, aquela da “clareza” que foi associada metaforicamente à capacidade de explicitação. Entretanto, é preciso fazer algumas ressalvas.

A cultura judaico-cristã é limitante, pois aceita um único ponto de vista, enquanto que a iorubá é inclusiva. Como a colonização cristã impediu o culto aos orixás, então as pessoas resistentes colocavam a imagem da orixá Ewá coberta com panos embaixo de um tamborete e colocavam a santa Luzia em cima, pois identificavam que ela era filha de Ewá e que seria aceita pela cultura colonial. Faziam isso com todos os orixás.

Ewá é preta e pode ser muitas Evas. Ou seja, ela não é mulher, mas sim mulheres. Ewá pode ser mãe ou filha, avó ou neta, ser trabalhadora doméstica ou das fábricas, ser prostituta ou pudica, ser beata ou militante. As prioridades de uma, podem não ser as das outras, mas todas as possibilidades precisam ser respeitadas.

Ana Gabriela Colantoni é professora do Curso de Filosofia da UFG, Campus Goiás e colaboradora da PASQUIM FEMINISTA.

# PROJETO TERRITÓRIOS SAGRADOS

Por: Dandara Tonantzin

Apresentei à Câmara Municipal de Uberlândia o Projeto Territórios Sagrados, com o objetivo de criar uma lei municipal institucionalizando políticas públicas específicas no âmbito do Município para proteger os cultos e espaços de religião de matriz africana nos termos da liberdade religiosa assegurada pela Constituição Federal 88 (Art. 5º, VI, VII e VIII) e pelo Estatuto da Igualdade Racial - Lei 12.288/2010 (Art. 23, 24, 25 e 26). Em que pese a liberdade religiosa legalmente existente, a intolerância persiste.

São atos de pessoas de outras orientações religiosas, vizinhos e até milicianos contra praticantes do candomblé, umbanda e outras; violação de terreiros e comunidades; destruição de objetos sagrados; detenção de praticantes; execrações públicas; e, diversas formas de perseguições. Não são raras as atuações das Polícias invadindo casas de axé. Se a “Constituição Cidadã” assegurou a pluralidade religiosa e a liberdade de culto, por que persiste a intolerância às religiões de matriz africana? É a manifestação do racismo estrutural na sociedade brasileira que afeta essas religiões. As pessoas se sentem “autorizadas” a atacar os símbolos sagrados.

Este racismo é também simbólico, com formas sutis e normalizadoras da intolerância. Entre elas, a discriminação dos filhos de pessoas do candomblé e umbanda nas escolas; a “demonização” das festividades; as normas ilegais de perseguição às liturgias; e, as restrições práticas ao uso de áreas públicas, naturais e até residências individuais para os cultos. Sempre que procurado para assegurar a proteção, o Poder Público se omite e protela a adoção de medidas. Este mesmo Poder Público, que concede benefícios fiscais às igrejas e templos cristãos, sem desrespeitá-los, mostra-se omissos frente à intolerância religiosa. O silenciamento é a forma típica do racismo institucional. Racismo estrutural e racismo institucional estão umbilicalmente imbricados. O Poder Público não pode mais ignorar os crimes contra o racismo religioso, em especial as Prefeituras e Câmaras Municipais, pois é nas localidades onde se materializa o direito à liberdade de culto. São necessárias medidas efetivas para fazer cumprir um direito já assegurado na Constituição. O Município deve atuar para salvaguardar e proteger casas, terreiros e locais sagrados. Alguns Municípios já estão atuando para equiparar o direito dos discriminados, adotando medidas de combate à intolerância religiosa.



continua 

Entre elas, a elaboração de políticas públicas, a solução de conflitos, o recebimento de denúncias, a formação de agentes públicos para fazer mediação e a proteção aos espaços, casas e locais de liturgias. Com este teor, foi que apresentei o projeto Territórios Sagrados contra o racismo religioso criando marcos institucionais efetivos da pluralidade religiosa. É fundamental que vereadores e vereadoras proponham leis em seus Municípios na defesa das religiões de matriz africana. Interessados no projeto solicitem-me via email: [todandata@gmail.com](mailto:todandata@gmail.com)

Dandara Tonantzin é ex-vereadora de Uberlândia e deputada federal de Minas Gerais (PT)

# FILOSOFIAS AFRO-BRASILEIRAS, POR QUE NÃO?

Por: **Adriana Delbo**

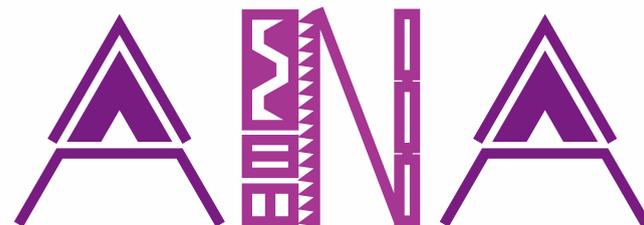
professora de Filosofia na Universidade Federal de Goiás.

O ensino e a pesquisa em Filosofia no Brasil ainda estão demarcados pela hegemonia da filosofia europeia, ou da discussão com ela. Um dos problemas decorrentes disso é o epistemicídio, diretamente associado aos preconceitos, inclusive preconceitos raciais, que até mesmo as instituições de educação conservam e propagam, ainda que não reconheçam ou percebam. Desde há 19 anos o Ministério da Educação regulamenta conquistas alcançadas por muitas lutas, por exemplo, dos movimentos negros e de educadoras e educadores que reconhecem na formação do povo brasileiro a inestimável contribuição do povo afro-brasileiro. Contudo, de leis em leis, há quase 20 anos, o que está regulamentado raramente vem sendo respeitado e cumprido. A partir da preocupação e da ocupação com estes problemas, nasce o Projeto de Extensão, interdisciplinar e interinstitucional, sobre Filosofias Afro-brasileiras.

Através de pesquisas bibliográficas pertinente ao tema, de encontros com pesquisadoras(es) do tema, bem como com autoridades, sábias(os) dos territórios tradicionais das culturas afro-brasileiras, onde tais culturas são vividas cotidianamente (terreiros de candomblé, de umbanda, algumas comunidades quilombolas, por exemplo), as Filosofias que fazem parte destas culturas poderão ser escutadas, vivenciadas, identificadas, estudadas, aprendidas e ensinadas. Ao público externo será possível receber e, posteriormente, ofertar a mesma formação. Os benefícios do projeto não são apenas para estudantes da Faculdade de Filosofia da UFG. Além de estabelecer vínculos entre as Instituições de Ensino envolvidas, o desenvolvimento do projeto significa a abertura de portas para o reconhecimento de uma esfera da sociedade comumente excluída e marginalizada, apesar de todos os saberes que comportam.



imagens: Freepik.com



Cabe muito em um nome pequeno, cabe Ana toda em si mesma, o que não é pouco, cabe, ainda, o universo inteiro que ela carrega consigo, que tanto a compõe como a vivifica e atormenta. Esta é a história de Ana, contada a partir de um dos sentimentos por ela experimentados. Os fatos importam, mas não serão o mote do relato. Ana, mulher simples, forte, determinada, teve uma história comum, como quase todas as mulheres, cujos nomes podem ser curtos ou não e cuja vida apenas parece ordinária. Ana cresceu, trabalhou, produziu, procriou, enfim, fez tudo da forma como se espera que faça este gênero de sua espécie neste mundo, em que ela, você, eu, todos nós habitamos. Observada por aí, sua vida é bem sabida, não carece aqui de detalhamento.

De tudo, só nunca ficou sabido o quanto custou a Ana esta aparência de normalidade para camuflar-se na couraça do trivial, guardando amordaçada sua subjetividade e todo o medo que sentia sem se permitir sequer dar a ele um nome. Que mulher amalucada é esta que se perde nestes inúteis devaneios femininos? Pergunta que Ana não se fazia pelo simples fato de que supunha não tê-los. Na verdade, seguia vivendo com pouquíssima consciência pessoal.

Ana, já desde pequena, sem outra que conseguisse ver por perto, cresceu segurando firme na mão do medo. Não segura pelo medo, mas, sem se dar conta, ela própria, numa lealdade irrefletida, agarrada a ele na constância feminina dos seus dias. Criança, agia por impulso. Atada ao medo, cresceu. Ele acabou consolidado. Ditou regras. Impôs limites. Amordaçou. Terminou se misturando, se imiscuindo na alma e no corpo que vitimizava. Ana não sabia qual era o mote de suas ações. Sendo o medo seu companheiro dominante inseparável, ela agia movida por ele, embora não percebesse. Pensava agir por sua autonomia.

O medo da solidão era o maior experimentado por Ana. Era como ela pensava. Entretanto, seu medo era o de, sendo abandonada, ficar só. Temia ser abandonada. Temia ficar só. Acreditava que se se desgarrasse, vagaria solta na solidão de um espaço inominado, vazio, frio e escuro. Agarrou o medo pela mão. De tão grande que era, fez dele seu mais próximo companheiro. Assim, levada pelo medo de ficar sozinha, seguiu por um caminho íngreme de encosta solitária, escalada por ela com os dentes - todos eles travados pela força do temor que ameaçava lhe tirar o chão. Para não correr o risco de ficar só, para não experimentar o medo de sentir medo, optou por uma via de sentido correlato, isolou-se. Ela própria, pelo isolamento, se pôs em situação de abandono preventivo. Com isto, isolando-se, ludibriou o abandono. Adotou conduta conveniente. Tudo fazia para não se expor. Fugiu dos enfrentamentos. Evitou manifestar opiniões seguras. Perdoou repetidamente, sem que pedissem, rispidez, rudeza, rejeição, hostilidade, ironia, desfeitas, malquerer. Perdoados, ela os guardava como se não tivessem existido. Continuavam subjacentes, porém. Aprendeu a dizer sins. Acostumou-se ao desconforto. Adaptou-se a menos valia. Sofria. Suportava.

Na tentativa de esconder sua escolha, para que não fosse percebida por ninguém, inclusive por ela, camuflou o isolamento autoimposto e junto com ele o medo que era do primeiro a causa determinante. Tentou sempre fazer o melhor. Viveu como pessoa simpática, alegre, agradável, diplomática, sociável, participativa, como se isolada não fosse.

Depois de muito viver, quando tudo deveria estar bem compactado, Ana passou a experimentar a sensação de que as coisas suas componentes não faziam sentido, pareciam peças desconexas amarradas à força. Teve visão ampla sobre si mesma. Entendeu seus dramas. Não conseguiu, porém, se livrar do medo, talvez fosse tarde, ela considerou. A hipótese de experimentar viver só ela continuou tendo como demasiadamente aflitiva. Até tinha algum ímpeto de se sentir bastante, mas não conseguindo romper a limitação que desde sempre lhe foi trazida pelo medo, desistia rápido. Pode ser que ela um dia venha se libertar. Pode ser, mas pode ser, também, que não.

Um nome pequeno, comporta Ana toda em si mesma, comporta, por inteiro, o universo feminino em conflito.

*Este conto é parte integrante do livro Histórias do Meio do Mundo, de Julianne Veiga, publicado pela Editora Patuá, 2021.*

# ACADEMIA ENCANTADA

Por: Georgia Amitrano

O Sol brilha  
Em céu azul que lhe congrace  
Iluminando as verdes matas  
Para um novo amanhecer  
Canta o sabiá  
Com gracejo para exaltar  
Toda a beleza e a riqueza de encantar  
É a jurema  
Solo sagrado que Olorum me confiou  
Salve a mãe terra  
Salve a sua natureza  
A macaia é fortaleza  
De Oxóssi o caçador  
Salve a mãe terra  
Salve a sua natureza  
A macaia é fortaleza  
De Oxóssi o caçador  
Okê Arô, Okê Okê Okê Arô  
Pai Oxóssi é rei de Ketu  
Da floresta protetor  
Okê Arô  
Senhor do conhecimento  
Pai Oxóssi curador  
Okê Arô, Okê Okê Okê Arô  
Pai Oxóssi é rei de Ketu  
Da floresta protetor  
Okê Arô  
Senhor do conhecimento  
Pai Oxóssi curador

O que há de originário em uma obra filosófica, ou melhor, em uma perspectiva do fazer do filósofo? É nesse sentido que a "III Bienal Internacional de Filosofia de Uberlândia, Modernidades, Modernismos: Possíveis Independências", foi organizada. Ocorrida ao final de Novembro de 2022, buscou-se pensar afetos como um modo inclusivo de fazer a

Filosofia jorrar para além do canônico e acadêmico, que muitas vezes nos engessa. Afinal, as fontes do pensamento não são estáticas e estão sempre a brotar, a atravessar as épocas, a reconstruir conceitos, verificar novas conceituações etc. Ora, de fato, o que se tem são questões que se manifestam, em uma espécie de incorporação, na qual fenômenos irrompem e nos provocam a discutir e re-discutir o mundo e nossas formas de agir nele. Onde o fazer filosófico, por mais que esteja na criação deles, jamais se encerra em conceitos. Deve haver uma escuta das questões que atravessam o viver e que se desdobram no acadêmico. E nesse sentido, nossa Bienal, repleta de afeição se fez presente incorporador, curador e protetor.



imagens: Freepik.com

Georgia Amitrano é professora do PPGFIL e do IFILO da Universidade Federal de Uberlândia.

# RESISTÊNCIA

Por: Gláucia Quilombola

Sou Quilombola!  
Sou Indígena!  
Sou Resistência!

Chegaram aqui tomaram nossas terras  
nos atacaram, nos mataram  
E resistimos!  
Sou indígena!

Nos trouxeram para cá  
nos escravizaram, enriqueceram  
em cima de nosso sangue  
E resistimos!  
Sou quilombola!

Hoje aqui estamos  
Indígenas, quilombolas e todos  
lutando pelo mesmo objetivo  
Resistir e Existir

Sou Quilombola!  
Sou Indígena!  
Sou ser Humano  
nos respeite  
Resistiremos!

Queremos viver  
não nos tente tirar esse direito  
Resistiremos!

Tire sua ambição  
de cima do meu pedacinho de chão  
Resistiremos!  
Ei Você, golpistas, escravagistas, racistas e ruralistas  
Não passarão!  
Pois resistiremos e viveremos!



**COLETIVA  
FEMINISTA  
GSEX**